

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

JULHO 2017

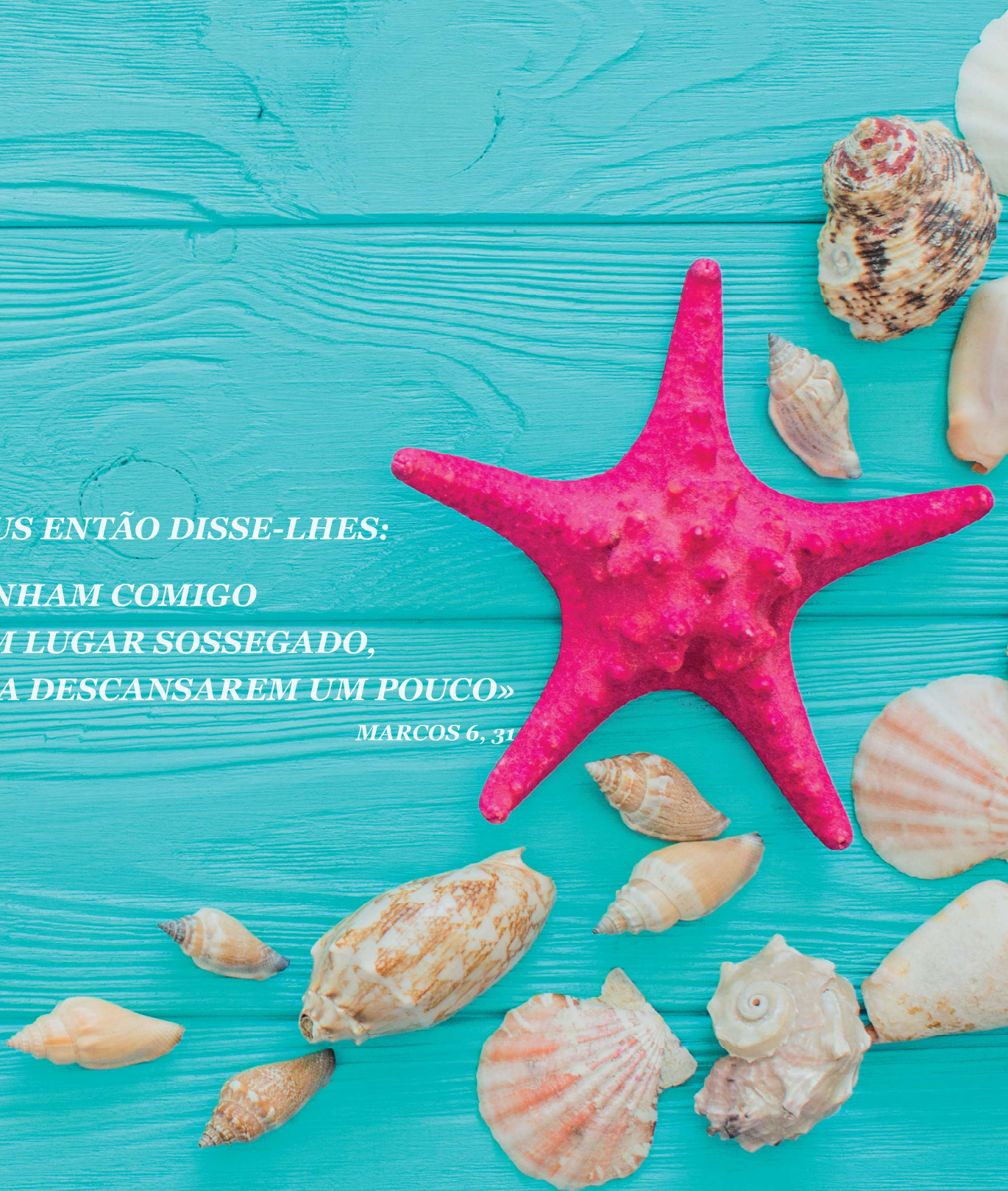
€1.50

Nº 175

JESUS ENTÃO DISSE-LHES:

*«VENHAM COMIGO
A UM LUGAR SOSSEGADO,
PARA DESCANSAREM UM POUCO»*

MARCOS 6, 31



Destaques nesta edição



Pág. 10 a 11
25 anos do DMIL



Pág. 12 a 13
Campos de Férias 2017



Pág. 14 a 15
Venha o teu Reino



Pág. 16 a 20
Lutero - No princípio era o verbo

Leia e divulgue o Novo Despertar

*registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igrejalusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja*



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Rev. José Manuel Cerqueira, António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Reverendo Fernando Santos, Rita Reis, Sara Mota, Mariana Sá Couto, Alexandre Fernandes, Helena Pina Cabral, Raquel Teixeira, Maria do Céu Barbosa, Rute Teixeira **Fotografia:** Created by Freepik **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sensilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



Da oração ao descanso

D. Jorge Pina Cabral

«Andamos tão absorvidos pela missão de Deus que nos esquecemos do Deus da missão». O alerta foi feito no decorrer de um encontro de Igreja e a reflexão era enquadrada pela leitura bíblica de Jesus em casa de Marta e de Maria (Lucas 10, 38-42). Dei comigo a pensar na verdade deste aviso e ao mesmo tempo nos riscos que corremos, quando, por excesso de trabalho e de preocupações na Igreja, deixamos de alimentar através da oração, a nossa relação íntima e pessoal com Deus.

Jesus não critica Marta pelo seu atarefado trabalho doméstico mas adverte-a para a necessidade de «escolher a melhor parte», ou seja, de complementar as tarefas quotidianas com um tempo de qualidade e de comunhão com a Sua pessoa que certamente a ajudará nas suas responsabilidades e deveres. Como Marta também nós necessitamos de «escolher a melhor parte», que é Jesus Cristo, e deixar que através da oração, o Filho nos conduza ao Pai, na Sua permanente oração filial e sacerdotal. Tal como se ofereceu para estar com Marta e Maria, Jesus oferece-se hoje para estar connosco em oração perante Deus Pai. Ele é aquele que na ação do Espírito Santo nos conduz ao Pai aclarando deste modo o sentido e a espiritualidade do trabalho que somos chamados a realizar em Igreja.

Urge por isso, recentrarmo-nos na aprendizagem e na vivência da Oração, enquanto alimento espiritual indispensável e suporte ao trabalho de missão que desenvolvemos em Igreja. Cada um e cada comunidade em Igreja deve criar o seu tempo e espaço próprio de oração. Na oração o verdadeiro trabalho é de Deus e não nosso, o nosso agir dá lugar ao agir de Deus em nós na ação do Espírito Santo: «*nós não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito pede a Deus por nós com gemidos que não se podem explicar*» (Romanos 8,26). Orar é diferente de rezar ou de recitar fórmulas. Orar é mais, muito mais do que pedir somente. Orar requer a linguagem do silêncio capaz de acolher a palavra criadora de Deus.

Uma outra consequência em estarmos muito absorvidos pelo trabalho de missão, prende-se com o cansaço que o excesso de atividade sempre acarreta. Jesus não

nos quer cansados e ansiosos naquilo que fazemos em Igreja. Ele próprio e frequentemente como os Evangelhos nos mostram (Mateus 14,13; Marcos 1,35), sentia a necessidade de se retirar para locais mais calmos, capazes de lhe proporcionarem o necessário contexto de oração e de descanso físico. Aquilo que o Senhor sentia ser importante e necessário ao cumprimento da sua missão, partilha-o também com os seus discípulos, quando os convida a irem com ele a um lugar sossegado para descansarem um pouco (Marcos 6, 31). Ao contrário do que por vezes pensamos, o usufruto do tempo de descanso requer o trabalho da organização pessoal, do planeamento da agenda diária e do definir de prioridades. Muitas vezes o problema não é a falta de tempo mas a má organização do tempo diário. Viver a fé em Cristo requer disciplina e auto-organização no contexto da frenética sociedade em que vivemos e das naturais exigências da missão da Igreja.

Cristo está assim, atento e disponível para cada um de nós, particularmente quando pelas circunstâncias da vida nos sentimos cansados, e daí a razão do seu sempre renovado convite: «*venham ter comigo todos os que andam cansados ... e eu os vos darei descanso ... juntem-se a mim ... e assim o vosso coração encontrará descanso*» (Mateus 11, 28-29). O verdadeiro descanso está em Cristo e no modo como n'Ele permanecemos. Ele melhor do que ninguém percebe as verdadeiras razões dos nossos «diversos cansaços», sejam eles físicos, mentais, afetivos, espirituais ou até ... existenciais. Jesus quer dar descanso ao nosso coração, ao nosso ser mais íntimo e profundo.

Neste tempo estival e de férias, a oportunidade está aí. O descanso é tão necessário ao nosso equilíbrio quanto a oração é necessária à missão.

Que saibamos combinar os dois na harmonia perfeita e revigorante que Jesus sempre nos oferece.

Boas férias !

S. Tomé em festa

*«O que vos é dito ao ouvido,
proclamai-o sobre os telhados»*

S. Mateus 10,27

Na celebração Eucarística do 12º Domingo Comum a 25 de Junho passado, a comunidade de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo, deu graças a Deus pelo 71º aniversário da constituição da Paróquia. A celebração foi presidida pelo bispo diocesano que foi coadjuvado pela Presbítera Elisabeth Sena e os leitores Laudelina Camilo e Sérgio Paulo Cabaço.

No final da celebração e respondendo à exortação de Jesus no Evangelho do dia, “Proclamai-o sobre os telhados” (S. Mateus 10,27) e na fidelidade ao espírito missionário dos fundadores da paróquia, toda a comunidade se deslocou para o exterior da Igreja para ai cantar o cântico final. Este momento rico na sua espontaneidade e simbolismo constituiu um forte envio para todos e foi vivido com muita alegria. Seguiu-se um almoço comunitário celebrativo que marcou o início de uma tarde de convívio fraterno e de evocação histórica. Acompanharam o bispo desde o Norte, e em representação do Secretariado Juvenil os jovens Diogo Fernandes e Mariana Cunha.



O Curso Peregrino

em bom andamento

O Curso Peregrino é um curso para a caminhada cristã concebido pela Igreja de Inglaterra e que está a ser aplicado na Igreja Lusitana desde Setembro de 2015 sob a responsabilidade do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET). O Peregrino pretende ser Catecumenato para a Igreja de hoje e está estruturado em torno dos textos chave da fé cristã como o Credo dos Apóstolos, os Dez Mandamentos, o Pai-Nosso e as Bem-Aventuranças.

No passado dia 21 de Julho, 12 animadores de grupos do Peregrino, estiveram reunidos na Escola do Torne em Vila Nova de Gaia fazendo uma avaliação e reflexão sobre o trabalho já desenvolvido. Ao longo do Ano Pastoral e de Missão 2016/17 estiveram em funcionamento em toda a diocese lusitana 13 grupos envolvendo cerca de 100 pessoas. Os grupos que na

sua maioria se reúnem quinzenalmente em contextos paroquiais encontram-se a terminar a primeira fase do curso que compreende a abordagem de 4 livros temáticos. O sentimento geral é de grande satisfação e aceitação do curso enquanto espaço de partilha da vida e aprofundamento da fé cristã. Até final de 2017 serão editados em Português todos os 9 livros que compõem o curso. Para além dos grupos já em funcionamento é intenção da Igreja promover a organização de mais grupos no Ano Pastoral e de Missão 2017/18.

Qualquer pessoa que sinta no seu coração o desejo de aprofundar a sua fé em Jesus Cristo é bem vinda ao Peregrino bastando para tal que contacte o Centro Diocesano da Igreja Lusitana.

Email: centrodiocesano@igreja-lusitana.org ou Tel: 223754018

O seu próximo passo?

Descubra mais sobre a fé cristã.

peregrino

UM CURSO PARA A CAMINHADA CRISTÃ



Visita Pastoral do Bispo Diocesano à Paróquia da Sagrada Família

O Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral realizou no passado dia 11 de Junho de 2017 a sua visita pastoral à Paróquia da Sagrada Família em Queluz – Belas, acompanhado pelas jovens Diana Melo e Catarina Sá Couto do Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana. Nesta visita a Comunidade Paroquial pôde mais uma vez partilhar com o seu Pastor Diocesano a alegria da fé e da sua pertença à grande família diocesana que é a Igreja Lusitana.

Com o templo repleto, cerca de oitenta pessoas participaram da celebração da Santa Eucaristia presidida pelo Bispo Dom Jorge e concelebrada pelo Pároco Reverendo Fernando Santos e pelo Coadjutor Reverendo Eduardo Júnior.

No decorrer da mesma foram confirmados a Catarina Marques, o Afonso Noronha, a Jéssica Alexandra e a Débora Eliseu. No final o pároco dirigiu umas palavras de agradecimento às catequistas Glória e Amélia Afonso que prepararam os jovens para este momento tão significativo da sua caminhada cristã assim como pela bênção que mais uma vez foi ter a presença do Bispo Diocesano na Paróquia da Sagrada Família.

D. Jorge entregou ainda a cada confirmando um livro de liturgia como expressão da fé e doutrina da Igreja que agora deve nortear o caminhar de cada um.

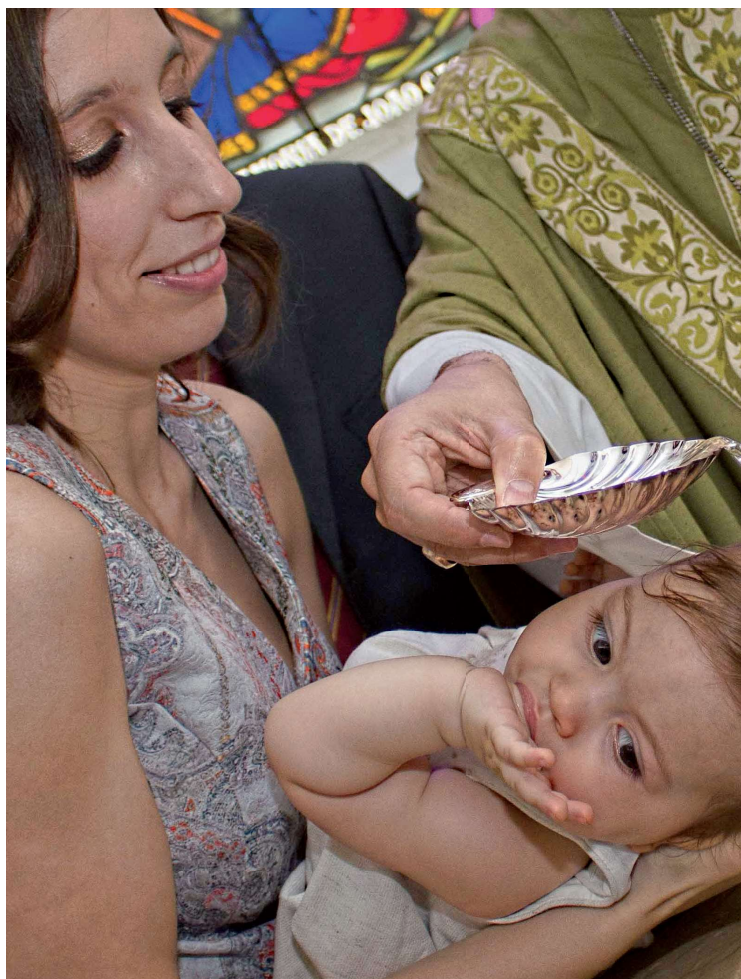
Paróquia da Sagrada Família encerra ano pastoral com admissões à Santa Eucaristia

No passado dia 25 de Junho, a Comunidade Paroquial da Paróquia da Sagrada família celebrou a conclusão do ano pastoral 2016/2017. O templo quase se tornou pequeno para acolher todos aqueles e aquelas que quiseram celebrar e dar graças a Deus pelo caminho percorrido e pelas bênçãos recebidas.

Na celebração da Santa Eucaristia presidida pela Pároco Reverendo Fernando Santos e coadjuvado pela Reverendo Eduardo Júnior foram admitidas à Santa Eucaristia quatro crianças que ao longo do ano se foram preparando com a ajuda das catequistas da Paróquia.

O pároco na sua mensagem às crianças fez votos que “Jesus que com tanta alegria vos acolheu à sua mesa, seja sempre o vosso amigo e guia em todos os momentos das vossas vidas”. Simbolicamente e para expressar este acolhimento as crianças rodearam o altar no decorrer da Oração Eucarística.

No final da celebração, era evidente a alegria estampada no rosto das crianças, tornando-se este dia para cada uma delas inesquecível e marcante para o seu caminho com Cristo e para Cristo.



Vida nova pela água e pelo Espírito Santo

A Carolina Silva Pinto Cândido de Almada e a Clara Silva Pinto da Costa foram batizadas no decorrer da celebração eucarística de domingo, dia 18 de Junho passado, na paróquia de S. João Evangelista. As meninas de respetivamente 3 anos e 10 meses de idade, são primas entre si e pertencem a uma família antiga da Igreja do Torne. Agora através do batismo tornaram-se irmãs em Cristo.

O pároco D. Jorge Pina Cabral, expressou a sua alegria pela integração de mais duas crianças na família da Igreja não deixando de apontar o compromisso assumido por pais e padrinhos de as educarem no amor e fidelidade a Cristo, sempre na vivência e militância da Igreja a que pertencem.

Simbolizando este compromisso foram acesas no Cirio pascal duas velas entregues aos padrinhos. Entre os presentes que lotaram o templo estiveram muitos familiares e amigos das crianças que expressaram desse modo a sua amizade e apoio em momento tão significativo na vida das crianças e da Igreja.





Batismos na Paróquia de S. Mateus

A Paróquia de S. Mateus continua a ser o lugar de encontro com a pessoa de Jesus Cristo e no 16º Domingo do Tempo Comum, teve a alegria de acolher dois novos membros. No decorrer da celebração da Eucaristia presidida pelo Pároco Reverendo Fernando Santos foi administrado o Sacramento do Batismo à Maria e ao Paulo. Juntos, Comunidade Paroquial, familiares e amigos vivenciaram com alegria este momento tão significativo para as crianças mas também para a Igreja.

No decorrer do sermão, o Pároco recordou que “o Batismo é o sacramento da fé, não uma fé que criamos ou inventamos mas da fé que é expressa através do Rito do Batismo. Mas que, para que essa fé se possa desenvolver no coração da Maria e do Paulo, é necessária a ajuda dos pais, padrinhos e de toda a família paroquial. Todos devemos ser para estas crianças testemunhos firmes desta mesma fé e ajudá-las na caminhada da sua vida espiritual, para que a graça que hoje irão receber as transforme em novas criaturas e possam crescer no amor a Deus e na escolha do bem.” Que o Senhor derrame a sua bênção sobre estas duas crianças e a sua família.



Confirma Senhor o teu servo Fábio Miguel

No contexto do Domingo de Pentecostes, Festa do Espírito Santo, o jovem Fábio Miguel Sacramento Barros foi confirmado pelo Bispo Diocesano e deste modo habilitado com o poder do Espírito Santo, para adorar a Deus, testemunhar o Evangelho e servir a Cristo.

A Confirmação ocorreu a 4 de Junho passado na Paróquia de S. João Evangelista à qual o Fábio pertence desde criança. Para além da comunidade paroquial, família e amigos do confirmando, estavam ainda presentes jovens de outras paróquias lusitanas.

Como preparação para a Confirmação, o Fábio frequentou o Curso do Peregrino – Curso de Caminhada Cristã, tendo já concluído a primeira fase deste Curso. No decorrer desta celebração, e seguindo uma tradição antiga, a comunidade celebrou o Dia do Pastor ofertando ao seu pároco, D. Jorge Pina Cabral e família uma bonita recordação. Por todos estes motivos a celebração de Pentecostes foi muito vivida e alegre. Em tudo damos Graças a Deus!



Nos dias 20 e 21 de Maio comemoramos os 25 anos de caminhada cristã do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana (DMIL), sob o tema “As mulheres testemunhas de Jesus: na família, nos amigos, nos vizinhos, na comunidade, no mundo”. Esta comemoração teve lugar na Paróquia do Bom Pastor no Arciprestado do Norte. A adesão da comunidade do norte e do sul foi grande, a participação não teve limite de idade, desde crianças até aos jovens da terceira idade. Tanto mulheres como homens participaram nesta celebração cristã.

O dia 20 começou com a receção de todos os participantes. A felicidade estava visível em todos os rostos, bem como a alegria do reencontro de grandes amigos, que devido à distância das nossas paróquias, só se vêem nestes encontros. O evento iniciou-se com a Oração da Manhã presidida pelo nosso Bispo Diocesano D. Jorge, acompanhado pelo Bispo Emérito D. Fernando, pelas Reverendas Ilma Rios e Jessica Coello (da Igreja Espanhola Reformada Episcopal), pela Diácona Isabel Silva, pela leitora Fernanda Cabral e pela acólita Patrícia Nascimento. A todos os participantes foi distribuída uma rosa, símbolo do departamento, feita de cartão reciclado e executada pela Ema Gaspar.

De seguida, teve lugar a apresentação do primeiro tema “O DMIL – Ideias e Memórias” com a participação e testemunho do Bispo Emérito D. Fernando da Luz Soares e da Diácona Isabel Silva. Tivemos a possibilidade de ouvir dois grandes testemunhos dos 25 anos

de existência do DMIL, desde a criação, aos campos de férias, relembrando membros que estavam presentes, alguns fisicamente outros em espírito.

Depois do almoço servido na sala do Centro Social do Bom Pastor, iniciamos o momento de reflexão “As mulheres testemunhas de Jesus: Apresentação do Tema e Debate “ com o testemunho de duas mulheres da Igreja Lusitana, Dr^a Joana Soares e Reverenda Ilma Rios. Foi uma apresentação muito rica sobre as mulheres da bíblia, o seu papel na sociedade do seu tempo, a sua vida e testemunho. Debateu-se a situação das mulheres desde a altura de Jesus até à atualidade. Seguiu-se a confraternização com um lanche no qual se cantou os parabéns e cortou-se o bolo do aniversário. Tivemos ainda a participação do Rancho Folclórico de Mafamude. O dia terminou com o jantar convívio.

O dia 21 começou com o Culto Eucarístico de Ação de Graças, presidido pelo Bispo D. Jorge, acompanhado pelas Reverendas Ilma Rios e Jessica Coello. Durante o culto testemunhamos as grandes mulheres da bíblia: Sara, Miriã, Raabe, Débora, Rute, Ana, Ester, Maria, Priscila. De seguida, reunimo-nos para o almoço de confraternização, onde mais uma vez a alegria era notória, cantamos, rimos e testemunhamos o amor de Cristo.

Foram dois dias de grande partilha e confraternização, a fé e o amor em Jesus Cristo estiveram sempre presentes.

Rita Reis - DMIL

A Rosa...

símbolo do DMIL

*São as flores do encanto
Encanto que não tem fim
Acompanham riso e pranto
As Rosas são sempre assim.*

E assim é também o Departamento das Mulheres da Igreja Lusitana. Nos momentos de alegria ou nos momentos de angústia, a Rosa tem sido o sinal visível do amor e da solidariedade das mulheres da Igreja Lusitana; desta maneira, todos os que carecem de conforto e carinho trocam a lágrima que percorre a vida e dão lugar a esta flor que traz mais do que o seu aroma: a Rosa é o símbolo da presença, do apoio e da compreensão; a Rosa é vida; o DMIL pretende ser uma gota de água para a ajudar a florir.



Testemunhos de gratidão

Os tempos mudam, agora já tenho 65 anos e naturalmente mais limitações físicas do que quando tinha 40, a sociedade sofreu muitas alterações, portanto o trabalho das mulheres na Igreja, também terá que se adaptar aos novos desafios dos nossos dias. Mas tal como Jesus falou a Maria Madalena quando ela O chorava junto ao túmulo vazio e Lhe disse suavemente «Maria», há coisas que nunca mudam. Também hoje Jesus nos continua a chamar, respeitando a nossa sensibilidade. Ainda hoje Ele faz o mesmo chamamento personalizado, como alguém que vive na nossa intimidade.

Se Lhe correspondermos com aquilo que somos, se Lhe manifestarmos a nossa disponibilidade para O servirmos, o Senhor providenciará com o Seu Espírito para que a nossa transformação se torne visível em Amor ao próximo.

Raquel Teixeira

Desejo que estes 25 anos não sejam dados como perdidos, para continuar a fazer a diferença como vós mesmas mencionais; e que comece de dentro para fora e não só para fora, para fazer bonito. Uma casa para não cair tem de ter bons alicerces. Gostaria de continuar a ser esta gota de água no vosso Oceano, e acreditar que valeu a pena mudar, e deixar-me levar no vosso barco até Jesus; sendo Marta e Maria, pois as duas são precisas, e não esquecermos os nossos a partir de casa. Que me importa dar a mão aos de fora para a fotografia e esquecer os de dentro.

Seguir Jesus não é só trabalho da Igreja e dar a quem precisa. Ensinemos também aos que precisam, a pescar, e aí sim oferece uma Rosa com um sorriso; ajuda com o coração e com verdade, pois assim faremos a diferença.

Maria do Céu Barbosa

Ao fim de 25 anos, o mais difícil é escolher as recordações a destacar, porque são tantas que se vão misturando entre memórias e a vida frenética de hoje parece já não me deixar filtrar as recordações e deixar espaço na cabeça e no coração apenas para as melhores; na tentativa de abraçar todos os momentos vividos, alguns escapam-se por entre os dedos.

Mas há algo que ao longo destes 25 anos não escapa: o amor a Deus, esse amor inexplicável que não acaba e me preenche, me faz entender diariamente o sentido da vida que me está destinada. Mesmo a pessoas como eu, que, engolidas pela velocidade da vida diária, se vão afastando sem querer dos caminhos de Deus, com as desculpas da família para tratar e do trabalho para fazer.

Rute Teixeira

A Alegria de Acreditar em Jesus

Campos de Férias - 2017







O Pentecostes vivido de uma forma especial

O sábado 3 de junho ficará por certo marcado na memória e no coração de muitos os que passaram esse dia, véspera da festa do Pentecostes, na catedral lusitana de São Paulo, em Lisboa. A um vasto grupo de membros das paróquias do arcebisado do sul juntou-se um autocarro com irmãos vindos do norte, convocados por um cartaz sugestivo com o título “Quem é Ele? – Um convite para conhecer Jesus Cristo”.

O convite veio da Igreja e surgiu no âmbito da campanha Venha o Teu Reino, um desafio global de oração lançado aos cristãos de todo o mundo pelo arcebispo de Cantuária para o período entre a Ascensão e o Pentecostes, 25 de maio a 4 de junho (www.thykingdom-come). A Igreja Lusitana aderiu a este movimento propondo uma novena de oração através de uma elegante brochura e lembretes diários por correio electrónico, e culminando o ciclo, na véspera do dia de Pentecostes, com o evento nacional Quem é Ele? O dia passou para todos mais rapidamente que o desejado, alternando momentos de louvor e oração com pequenos grupos de reflexão bíblica que partiram à descoberta de Jesus nos evangelhos. Durante a tarde, o grupo dramático da paróquia de São Tomé apresentou o musical Quem é Ele?, um poderoso fresco sobre a vida de Cristo com cenas dos evangelhos que encantou e comoveu todos os presentes, pelo empenho e profissionalismo com que foi representado e, por essa razão, pelo vibrante testemunho de fé e conversão que transmitiu.

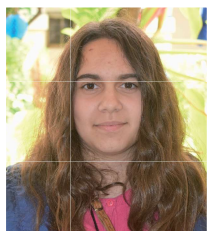
No final, as despedidas foram emotivas. A mensagem tinha calado fundo em quase todos, e talvez alguns pudessem testemunhar a propósito do dia 3 de junho como o arcebispo Justin Welby declarou acerca do movimento Venha o Teu Reino: «não consigo lembrar-me de nada em que tenha estado envolvido na minha vida onde tenha sentido tão claramente a ação do Espírito». Após a realização deste evento o senhor Arcebispo de Cantuária escreveu uma carta ao Bispo Diocesano D. Jorge agradecendo o apoio da Igreja Lusitana à iniciativa Venha o Teu Reino. Na missiva o senhor Arcebispo referiu que o evento contou com a participação de cristãos em 85 países em todo o mundo e foi um forte tempo de oração na ação do Espírito Santo.

Encontra-se já prevista e em preparação a edição para 2018 do Venha o Teu Reino.

A.M.S.



Frutos do Espírito Santo



Gostei muito das atividades, especialmente dos grupos de trabalho. Estou a gostar muito...

*Mara, S. João Evangelista,
Vila Nova de Gaia*

Estou a gostar muito do encontro: está a ser melhor que aquilo que eu imaginava e uma experiência muito boa.



*Carina, Sagrada Família,
Queluz*

Gostei muito do encontro. Fui convidada por uma amiga. Atraíram-me as palavras que ouvi; fiquei feliz por isto.

*Alice,
Vila Nova de Gaia*



Sou um membro novo... entrei há menos de um ano. A experiência na igreja tem sido positiva e o encontro tem correspondido às minhas expectativas: é uma igreja inclusiva e que acolhe a todos com carinho e calor.

António, São Paulo, Lisboa



Este encontro está a ser muito importante para juntar todos à volta de Cristo.

*Vera, São Tomé,
Castanheira do Ribatejo*

Está a ser uma agradável surpresa. A fase de reflexão e debate sobre “quem é Ele?” foi muito interessante e todo o encontro serve para nos enriquecer.

*António, São Paulo,
Lisboa*



Este dia está a ser muito, muito giro. Além do convívio é um momento de partilha e de conhecimento de Deus.

*Emília, São Tomé,
Castanheira do Ribatejo*



Está a ser uma bênção. O tempo de partilha foi muito bom e útil. Estou na expectativa do grupo de teatro, que já conheço e testemunha o amor de Deus através da arte. Que todos possam sentir a alegria e o amor que há em Jesus.

Florbela, Lisboa



Tem sido um bom convívio... sinto-me com mais força e mais energia!

*Humberto, Salvador do Mundo,
Vila Nova de Gaia*

Ressalto que o que houve aqui na catedral foi, além do mais, uma reunião de inclusão e partilha cristã.

*Carlos, Bom Pastor,
Vila Nova de Gaia*





Há razões para evocar em Portugal os 500 anos de Lutero?

Naturalmente que sim. Quando no dia 31 de Outubro de 1517 o monge agostinho e professor da universidade Martinho Lutero (1483-1546), descontente com alguns costumes da igreja do seu tempo, afixou nas portas da igreja do castelo de Vitemberga as 95 teses ou proposições de coisas que achava mal ou entendia que deviam ser revistas, certamente não calcularia o impacto desse gesto e muito menos que uma das grandes igrejas cristãs perenizasse até hoje o seu nome.

Mas a história costuma ser pouco previsível. Figura controversa como é próprio dos grandes visionários, a ação de Lutero, na senda de reformadores anteriores e logo replicada, a diferentes vozes, por outras personalidades da igreja e da cultura, esteve no centro de um movimento que agitaria a Europa nos séculos subsequentes, renovando a missão cristã, inspirando iniciativas de profundo sentido evangélico, mas também, e sem surpresa, abrindo feridas que só recentemente o espírito de tolerância e de ecumenismo tem permitido cicatrizar.

Mas a luta de Lutero, como a seu modo a de Huss, Wyclif, Colet, Zuínglio, Calvino, Melâncton e tantos outros, não se limitou a proporcionar, no trânsito da história, mais uma das reformas da igreja cristã, com as suas virtualidades, hesitações e certamente erros. Num mundo em mudança, e mesmo revolução, a muitos níveis, aquelas figuras lideraram um conjunto de gerações que abriram a modernidade de pensamento, a verdadeira liberdade do homem em sociedade e uma forma de adorar a Deus que genuinamente quiseram mais profundamente assente no espírito e verdade que recomenda o evangelho.

Por tudo isto, a influência cultural de Lutero não se confina às comunidades de língua germânica nem a sua teologia e espiritualidade às igrejas luteranas ou protestantes em sentido amplo. Tal explica que no nosso país tenham já tido lugar diversos eventos e publicações evocativas do meio milénio da “revolta” de Lutero e da conseqüente reforma religiosa que o seu ato simbolicamente inaugurou, entre livros, colóquios e ciclos de conferências, como a que recentemente teve lugar no Porto organizada por uma instituição católica, a Fundação Spes.

A comissão nacional e as ações em organização

Conscientes da importância desta efeméride, várias entidades religiosas promoveram a constituição de um grupo de trabalho, que desde 2016 vem discutindo e planeando um programa evocativo dos 500 anos de Lutero. É formada por representantes do Conselho Português de Igrejas Cristãs (igrejas lusitana, metodista, presbiteriana e igreja evangélica alemã do porto), da Aliança Evangélica Portuguesa (que agrega numerosas igrejas locais e nacionais do âmbito evangélico), da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, das igrejas luteranas alemãs de Lisboa e do Porto e da Sociedade Bíblica de Portugal.

Entre as ações em preparação, que brevemente serão tornadas públicas, contam-se uma exposição sobre Lutero e a reforma protestante baseada em selos postais, um seminário dirigido aos meios de comunicação social das igrejas e instituições representadas na comissão e a abertura de um website com notícias e recursos. A 31 de Outubro terá lugar em Lisboa uma sessão evocativa da Reforma, com transmissão televisiva em direto, e os CTT irão editar um postal comemorativo dos 500 anos de Lutero. Entre outras realizações será celebrado de 9 a 11 de novembro em Lisboa o congresso internacional Um Construtor da Modernidade: Lutero – Teses – 500 Anos, promovido e coordenado pela Universidade Lusófona, a Sociedade Portuguesa da História do Protestantismo, a Universidade Aberta e a Universidade de Lisboa. Fique atento.



Há 500 anos ...

Lutero e a Bíblia

No dia 31 de Outubro de 2017 comemora-se o quinto centenário das 95 teses elaboradas por Martinho Lutero. Mais do que uma efeméride, trata-se de uma oportunidade histórica para que a nossa geração recorde e reconheça o legado que este monge nos deixou. Antes de sublinhar alguns traços da sua influência era importante referir que as reformas levadas a cabo por este e outros reformadores, decorreram num contexto de grandes revoluções culturais e tecnológicas mas também de imensas convulsões e angústias tanto sociais como religiosas.

Guerras, pestes, superstições, medos e, principalmente, o descrédito que pairava sobre a Igreja católica assolavam Lutero e os seus contemporâneos. Interessamos aqui trazer à memória o seu desejo pela renovação da igreja, sublinhando que a Reforma Protestante não se reduziu à crítica do comércio da salvação por via das indulgências. Caracterizada pelo famoso desafio, «só as Escrituras, só Cristo, só a Graça, só a Fé, só a Deus a Glória», destacamos o primeiro destes cinco reptos e salientamos duas consequências relevantes: por um lado, o reconhecimento da Bíblia como único fundamento e regra de fé. Num contexto religioso conturbado, Lutero afirmou não só a autoridade das Escrituras sobre as tradições religiosas consagradas pela igreja mas também a suficiência das mesmas na vida do cristão.

Por outro lado, esta valorização do testemunho bíblico também levou o reformador a fazer da sua vida um investimento, quase exclusivo, no estudo da tradução das Escrituras na língua do povo e ainda na promoção da respetiva leitura.

Um expoente desta atitude reformadora foi João Ferreira de Almeida. Uma vida dedicada a traduzir a Bíblia de modo a que, não só o povo português mas todos os falantes de língua portuguesa pudessem aceder à Palavra de Deus de um modo fácil e entendível. A lusofonia é, também, produto da paixão deste português pela mais ampla difusão das Escrituras entre os povos de línguas e culturas lusófonas.

Enquanto herdeiros deste espólio bíblico, não devemos contentar-nos em afirmar que a Bíblia é o livro mais lido de todos os tempos! Importa também interrogarmo-nos sobre a nossa relação pessoal com a Palavra de Deus: ela é o nosso alimento diário? Quanto temos investido na sua divulgação?

Ao evocar os 500 anos da Reforma desejamos também que se consagre um domingo à Bíblia. Uma celebração que renove o compromisso na difusão, estudo e leitura da Palavra de Deus.

Simão Silva

(in Folha Informativa - Sociedade Bíblica nº 1 Ano 2017)

Lutero e a alteração dos padrões musicais na Europa

Revendo José Manuel Cerqueira

As grandes alterações feitas por Lutero no mundo Europeu fizeram-se sentir em todas as estruturas do Continente. Tomar a Reforma de Lutero como que a primeira fractura da Igreja Cristã na Europa, também não passa de uma forma de branquear, ou ignorar, todas as outras tentativas de fazer Reformas em “pequena escala”. As tentativas de reformar ou reformular a Fé e a Igreja sempre existiram. Mas parece-nos importante dizer que a cultura de Lutero, a sua visão objectiva da fé cristã, a sua pré-visão de um mundo novo e mais moderno, a sua coragem e o facto de ser destemido, o seu sonho de liberdade sem ser apenas uma miragem, sem esquecer a protecção sem precedentes de que gozou por parte de pessoas influentes mas muito cansadas da Religião Institucional deve continuar a suscitar em nós respeito e admiração.

Temos que admitir que o Reformador, de todas as artes que herdou do seu tempo na Igreja Católica Romana, deu uma prioridade importante à Música. Entendeu desde logo que ela estabelece laços de comunidade e continuidade; que é humanamente “transportável”, nas nossas vozes ou até por um assobio, que muitas vezes inconscientemente acalma o espírito, alivia a dor do trabalho ou apenas entretém. A Igreja do tempo de Lutero começava a deixar muito a desejar pelo cansaço. Imperava o canto gregoriano, monossilábico, de notas longas, sem grandes saltos nos seus modos e que se centrava na entoação dos textos dos Hinos Evangélicos – aqui sim “Hinos” – que se encontram na Escritura. No Antigo Testamento – o Cântico de Ana, o Cântico de Moisés, os Salmos e os Textos dos Livros Poéticos; no Novo Testamento, o Hino de Maria, o Cântico de Simeão e o “Gloria” cantado pelos anjos na noite de Natal.

Cantavam-se as declarações doutrinárias da Igreja, como o “Credo” – em momentos solenes de Acção de Graças, o “Te Deum”; o “Requiem” da Missa dos Mortos; o “Stabat Mater”, que descreve o sofrimento de Maria; ou os Hinos das Solenidades Marianas e Cristológicas; a restante Liturgia diária da Missa: com o Kyrie, o Agnus Dei; o Benedictus e o Sanctus. Talvez com algumas excepções, usavam-se outros textos como os Cânticos dos Missais, os Hinos próprios dos tempos litúrgicos, os Hinos dos Santorais, os Hinos escritos pelos Santos, pelos Fundadores das Ordens Religiosas, como o Hino de S. Francisco dedicado a todas as criaturas... Tudo isto cantado na língua da Igreja: o Latim, e nos modos Gregorianos, que como não eram assim lá muito

dinâmicos, se chegaram a chamaram entre nós: “Cantochão”, que é como quem diz: junto ao chão, e sem voos muito altos...

Os especialistas neste momento, poderão perguntar então e as grandes composições dos irmãos Gabrieli para a Basílica de S. Marcos de Veneza, as “Vésperas” de Claudio Monteverdi para os Duques de Mântua, ou os Motetes de Palestrina. É verdade, mas temos que admitir que desses desconfiavam muito as cabeças pensantes, e muitos desses compositores escreveram só para si. Essas foram obras que começaram por ser escritas em privado de forma escondida, sem a intenção de verem a luz do dia, apenas como exercícios teóricos de composição. Ainda bem que não se perderam, nem foram queimadas juntamente com os seus autores.

A música era uma arte passageira e utilitária. Desaparece por entre as abobadas e as cúpulas das Basílicas, das Catedrais e das Igrejas, já para não dizer que entra por um ouvido e sai pelo outro! Levou muito tempo a inventar-se uma escrita que tornasse a música mais permanente e que permitisse a repetição. As grandes regras de escrita impostas pela Igreja eram totalmente endereçadas aos compositores. Havia intervalos e acordes proibidos, como o famoso intervalo de quarta aumentada chamada “Diabulus in musici” (Do-fa#), que realmente produz um som estranho e difícil de resolver. Ainda hoje é o principal acorde usado nas bandas sonoras dos thrillers e dos filmes de horror e terror.

Como o texto Bíblico, a Pregação, usam a mesma, palavra: “Interpretação”. Este é outro factor que o Teólogo e Músico Lutero vai levar em consideração entre o Texto e o Sermão. E mais tarde diante da Poesia, e da música que lhes será associada: sempre a paixão pela interpretação.

A Música é a colaboradora dos textos da Escritura. Situa-se numa espécie de continuação do que muitos séculos antes já tinha dito por Santo Agostinho: “Quem canta, ora duas vezes”, em Lutero a consideração e amor que ele tinha pela música permite-nos talvez, acrescentar “Quem canta, prega duas vezes”! Para além da nova melodia acrescentada pela interpretação do texto Bíblico através da Pregação, soma-se a nova melodia da interpretação do texto, com o acrescento pedagógico e poético dos “Corais” a que hoje chamamos erradamente Hinos. Serão os compositores que



pouco tempo depois lhes haveriam de dar a estrutura musical, que pela escrita se tornaria permanente. Que textos possuía Lutero para cantar a Fé Reformada? Tão recente, ainda não definida, ainda à procura de uma doutrina? Em primeiro, por muito que nos choque, os textos da Missa Latina. Não havia nada mais solene que pudesse ser usado do que esses textos que já mencionamos, mas e muito importante, é que tendo continuado a usar os textos da Liturgia Romana, Lutero impôs que fossem também entoados em língua alemã, numa espécie de Culto permanentemente bilingue, para se puder unir o passado com o novo.

Não foi difícil atrair para a Reforma novos poetas e compositores sedentos de criatividade. Lutero pede, implora e finalmente exige dos poetas, que escrevam o que ele lhes dita, colocando assim em poesia a prosa dos seus sermões. Há um momento em que Lutero, começa ele mesmo a escrever umas coisas sem certeza da qualidade textual. Mas não esquecendo que era um linguista, depois de traduzir a Bíblia para alemão, a língua e a literatura alemãs deixam de ter segredos. Para fazer poesia tratava-se apenas de uma questão de prática, procura do sentido, e de palavras certas, porque o mais importante era o alcance que a música tinha não só nas Igrejas, mas também no dia seguinte em casa e nos tempos livres.

Ultrapassada esta questão, outra se colocava ainda mais sérias para Lutero: como pôr uma congregação a cantar quando esta estava habituada a ouvir cantar? Como fazer uma congregação perder o medo de cantar? O que era necessário para ser participativa na afirmação da sua fé? Não foi fácil. Escrevendo o Lutero

música e poemas, ele mesmo deu à novidade, credibilidade, e usando melodias conhecidas da música tradicional alemã, conseguiu dar segurança e confiança à congregação para cantar sem medo. Era a união de novas palavras com velhas melodias. Para os que estão ansiosos por fazer de novo o mesmo, neste nosso tempo, e acham isso uma inovação muito engraçada e a puxar para o popularucho, não podemos esquecer dois factores: primeiro que a música tradicional portuguesa não tem a mesma solenidade da música popular alemã, e em segundo, já temos sobre isto tudo 500 anos de história e reflexão que já não nos permite fazer experiências.

Os recursos que Lutero vai usar para convencer o povo a cantar sem medo a sua fé, são o coro, que canta os corais, e que lançando as suas melodias, atraem a beleza da participação; e o uso do órgão, que sendo solene, imprime ao Culto uma aura de santidade. À medida que o tempo foi passando, Lutero vai acrescentando à voz e ao Órgão a participação de outros instrumentos, num crescendo de criatividade, liberdade e de inspiração que atrairá os compositores que finalmente se encontram livres de regras musicais inúteis e castradoras. Compositores que rejeitando as regras subjugantes à composição, se submetem voluntariamente e de coração às novas regras da Doutrina, da Teologia e da nova Eclesiologia que nasciam, e que alterariam para sempre o rumo da História da Música no Ocidente. Até ao dia de hoje e para sempre...

Acreditar na Reforma

O que ensinaram os Reformadores?

Cónego Dr^a. Charlotte Methuen
Igreja de Inglaterra - Diocese da Europa*

A chave doutrinal de Lutero foi a justificação pela fé: isto é a ideia de que a salvação chega-nos como um dom gratuito de Deus, e que não pode ser um prémio que seja atribuído a alguma coisa que façamos. “A Lei diz: faz isto, e isto nunca é cumprido. A Graça diz: crê nisto, e tudo está já feito”, esta é a forma como Lutero coloca a questão na Dieta de Heidelberg em 1518 (Tese 26). Isto, crê ele, era o que S. Paulo queria dizer quando escreveu: “no evangelho a justiça de Deus é revelada da fé para a fé” (Romanos 1:17) e que todos os que pecaram “estão agora justificados pela graça de Deus como um dom, pela redenção que há em Cristo Jesus...pela fé, e para além das obras prescritas pela lei” (Romanos:3:24;28). A salvação para Lutero torna-se assim “sola gratia” – apenas pela graça. O conhecimento da salvação é mediado pela sola scriptura – apenas através da Escritura – e solum Christum – através apenas de Cristo.

A teologia da justificação pela graça de Lutero influenciou profundamente o seu pensamento. Ele acabou por compreender a Igreja de uma forma nova, como comunidade dos fieis na qual o verdadeiro Evangelho é pregado e os Sacramentos celebrados de forma apropriada (uma definição que aparecerá no Artigo 19 dos Trinta e Nove Artigos de Fé da Igreja de Inglaterra, Artigo este que é tomado da Confissão Luterana de Augsburg no seu Artigo 7). Credo que a Graça é um dom de Deus, Lutero negou a capacidade do ser humano de escolher a salvação, preparando o caminho para a Doutrina da Predestinação de Calvino. Lutero e Calvino, ambos pensavam que Deus escolhia quem seria salvo, e as acções humanas não poderiam nunca afectar essa escolha divina. No entanto, Lutero e Calvino também pensavam que os cristãos podiam escolher os comportamentos que os fariam eticamente bons e beneficiários do normal funcionamento da sociedade.

Lutero reviu a teologia dos sacramentos, defendendo apenas dois dos sete Sacramentos que eram ensinados pela Igreja Medieval: o Baptismo e a Eucaristia.

O Matrimónio e a Ordenação continuaram a ser encarados como bens centrais que contribuíam para a boa ordem da sociedade e da Igreja. A Confirmação providenciava o contexto para a instrução dos mais novos que tinham sido batizados em criança. O último dos ritos acabaria por se reduzir às orações pelos

doentes. Lutero defendeu que a Confissão era aconselhável, para que o povo se recordasse do significado do seu Baptismo e tivesse consciência do quanto tinha falhado e quanto se tinha distanciado dele, mas a Confissão podia ser feita a qualquer pessoa, deixando de ser o exclusivo de um Ministro. Os desacordos acerca da Eucaristia, haveriam de dividir os Protestantes. Lutero afirmava que Cristo estava realmente e fisicamente presente no pão e no vinho. Em Zurique, Zwinglio, ensinava que na Eucaristia a Congregação agradecia pela Graça que tinha recebido do sacrifício de Cristo na Cruz.

Calvino defendia que Cristo estava espiritualmente presente, e que na Eucaristia a Congregação era transportada pelo Espírito Santo para tomar o seu lugar à direita de Deus. Na Igreja de Inglaterra, estes desacordos encontraram a sua reconciliação no Livro de Oração Comum de 1559, com a seguinte fórmula: “O Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dado por ti, preserve o teu corpo e a tua alma até à vida eterna. Toma e come isto em memória de que Cristo morreu por ti, alimenta-te d`Ele no teu coração pela fé, com acções de Graças”.

**Tradução e adaptação de Artigo do “European Anglican” n. 74
Summer 2017*

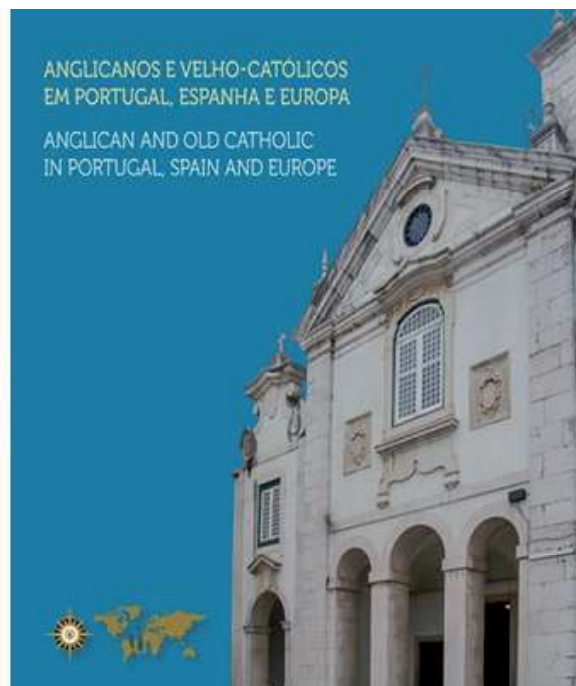




LIVRO

ANGLICANOS E VELHO-CATÓLICOS EM PORTUGAL, ESPANHA E EUROPA

LIVRO DISPONÍVEL NO
CENTRO DIOCESANO



Reunindo textos das intervenções da Conferência comemorativa do quinquagésimo aniversário da Concordata de Plena Comunhão a Igreja Lusitana editou recentemente, com o apoio da Sociedade Saint Willibrord, a obra *Anglicanos e Velho-Católicos em Portugal e na Europa*, um livro com 128 páginas, bilingue (português e inglês), disponível nas paróquias ou no centro diocesano. A conferência realizou-se na Catedral de S. Paulo em Lisboa em 2015.

Para quem ainda o não leu, ou possa vir a procurar a obra após esta notícia, sugerimos um pequeno guião, que serve também de apresentação. Pode começar pelas “centrais” (pág. 54-55), para ver o texto das concordatas que justificaram a conferência e fizeram nascer o livro.

Logo de seguida tem o leitor três caminhos: se quiser apreciar a tradição teológica comum e a riqueza da diversidade de ambas as tradições, poderá avançar para um importante documento que pela primeira vez se publica na nossa língua – a declaração *Parceria na Europa*, fruto de vários anos de trabalho de uma comissão conjunta, cujo labor e visão aliás se explanam no texto antecedente; se preferir explorar o que é na atualidade e qual a visão ecuménica e de missão da comunhão velho-católica, tem o rico artigo de apresentação e

reflexão do arcebispo Vercammen; se, pelo contrário, quiser descobrir o modo como a tradição velho-católica se fez presente e influenciou a história das duas igrejas anglicanas ibéricas, oferece-se à leitura a interessante síntese do bispo D. Carlos López sobre as origens da Igreja episcopal espanhola e seu relacionamento com o velho-catolicismo, enquanto do lado da Igreja Lusitana se pode apreciar idêntica perspetiva num ensaio de A. M. Silva e, muito em especial, no texto de D. Fernando Soares, particularmente sugestivo por iluminar uma época ainda mal estudada pela historiografia lusitana, os meados do século XX, explicando o contexto no qual surgiram esta e outras concordatas.

Por tudo isto, entendemos que esta é uma edição histórica, pois não só assinala uma efeméride como contribui para conhecer as origens e a construção da identidade da Igreja Lusitana e da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, no quadro da longa relação entre duas tradições cristãs que começaram por reconhecer e respeitar a sua diferença dentro da unidade essencial da Catolicidade para agora aspirar a uma unidade de missão e testemunho no respeito pelas diferentes línguas, culturas e ritos, anunciando a uma só voz o desafio de Cristo a uma nova humanidade.

A.M.S.

Jovens Anglicanos e Velho-Católicos juntos nos caminho



De 25 a 28 de Maio passado, vinte e um jovens Anglicanos e Velho-Católicos encontraram-se na vila de Echternach (no Luxemburgo) onde se encontra o túmulo de St. Willibrord, missionário Inglês enviado para evangelizar o Norte da Europa e consagrado como primeiro Bispo de Utreque (Holanda) no ano de 695. Neste local, símbolo de unidade, o exemplo de vida do Santo ajudou a experienciar e a celebrar a unidade entre os jovens cristãos presentes. As Igrejas da Comunhão Anglicana (entre elas a Igreja Lusitana) e as Igrejas da Comunhão Velho Católica de Utreque, estão em Comunhão eclesial plena e buscam junto o desenvolvimento da Missão de Deus, particularmente na Europa continental.

Presentes, e a representar o Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana, estiveram os jovens lusitanos Alexandre Fernandes e Mariana Sá Couto (na foto). Apesar das suas diferentes línguas, tradições e culturas os peregrinos viveram, sob a orientação dos bispos Michael Burrows (Irlanda) e Dirk Shoon (Holanda), um tempo único de crescimento espiritual e humano, que a todos ajudou a aprofundar a unidade já existente na pessoa de Jesus Cristo. Em jeito de compromisso final os jovens elaboraram a «Declaração Willibrord 2017» que assume o caminho e o sentido das palavras do profeta Miqueias : «o que Deus exige de ti é que pratiques a justiça, que sejas fiel e leal e que obedeças humildemente a Deus».

A riqueza desta experiência expressa-se nos testemunhos que transcrevemos.

A nossa identidade de cristãos

Alexandre Fernandes

Nos passados dias 25 a 28 de Maio eu tive a fantástica oportunidade de ser um dos 21 jovens a participar numa peregrinação espiritual no Luxemburgo, com jovens vindos de igrejas anglicanas e velho católicas de toda a Europa. Foi um momento importante porque me levou a uma introspeção sobre a minha vida na fé e me permitiu discutir com jovens de culturas muito diferentes o que é a fé e a igreja e quem é Jesus para todos nós.

Uma das reflexões que mais me marcou veio da resposta à questão: "O que significa ser Cristão no contexto específico da minha vida e no lugar onde vivo?" Como explicamos a nossa identidade de cristãos de um modo individual, para que aqueles que não participam no amor de Cristo o entendam? Jesus criou uma grande família, deu-nos ensinamentos de paz, de amor, de sacrifício pelo próximo e até de revolução para com as injustiças do mundo. Ele procurou acolher todo o povo da terra e uni-lo numa família de amor sem fronteiras.

Mas será esta a nossa identidade como cristãos?

Refletimos e entendemos que não, que como cristãos não somos Jesus. Esta é uma separação simples, mas para nós foi interessante procurar as diferenças. Muitos dos jovens estiveram de acordo quando afirmamos que não somos unidos, que muitas vezes já tivemos uma atitude passiva para com as injustiças, esperando que fossem outros a resolver a situação; muitas vezes esquecemos a paz e o amor (...)

Em todos os que procuram e partilham, todos os que trazem o amor consigo, aí eu vejo Jesus.

Nas almas perdidas que se sentem sós, que sentem o mundo contra elas, que se sentem abandonadas por todos. Aí eu vejo Jesus.

Nas almas que dão do pouco que têm para ver outra alma a sorrir, eu vejo Jesus a sorrir com elas.

Jesus é o nosso amor. E esse amor apresenta-se de muitos modos e nós como cristãos podemos interpretá-lo e adorá-lo de muitas maneiras, mas não deixa de ser amor. Não deixa de ser Jesus. E cabe-nos a nós como Cristãos, trazer esse amor sempre connosco, para que todos os que ainda não o encontraram possam viver nessa grande família de amor que Jesus criou.

Fazemos parte de uma grande Comunhão de Igrejas

Mariana Sá Couto

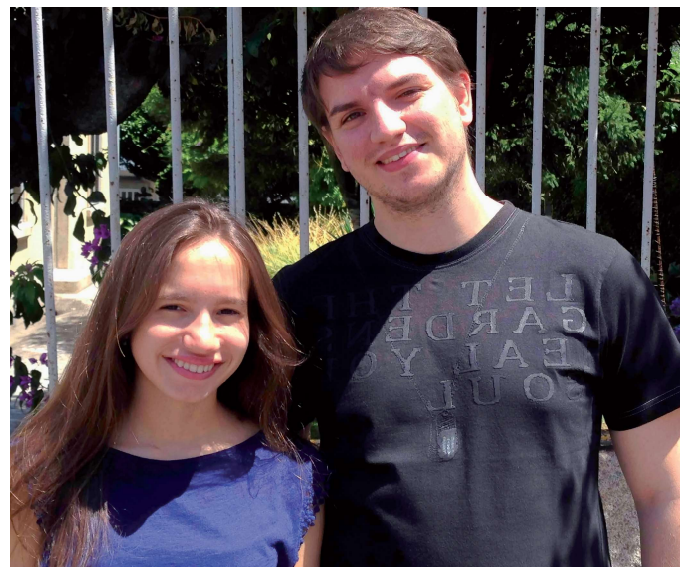
“The Youth Pilgrimage”. Foi este o nome dado ao encontro entre jovens Anglicanos e Velho-Católicos, que decorreu no Luxemburgo no passado mês de Maio, e no qual eu e o Alexandre fomos representar os jovens da Igreja. Estas duas famílias de Igrejas estão em Plena Comunhão há mais de 50 anos e, ainda assim, havia entre os jovens um grande desconhecimento sobre a outra Igreja com a qual partilhavam os pilares essenciais da sua Fé. E foi no sentido de colmatar esta falha que se deu a primeira actividade deste encontro: a apresentação destas duas Comunhões de Igrejas, por aqueles que delas fazem parte. Criou-se assim desde logo uma proximidade empática entre nós! De desconhecidos, passámos a estar unidos pelo reconhecimento nos outros, de uma Igreja, em tanto, próxima à nossa. Desde logo percebi o potencial deste encontro para alargar horizontes e unir cristãos em plena comunhão na Fé!

E assim foi: a esta actividade seguiram-se outras igualmente marcantes. Participámos num workshop sobre Fé e Identidade; reflectimos sobre a aparentemente simples questão “Amas realmente Jesus?”; participámos num culto Velho-Católico, onde na Eucaristia, o pão e o vinho passavam pela assembleia e cada um de nós dava os elementos a quem estivesse ao

seu lado (num grande sentido de comunhão, mas também de responsabilidade). Outro grande momento foi a elaboração da “Declaração de Willibrord”, através da qual os jovens destas duas Igrejas desafiam o Conselho de Coordenação das Igrejas Anglicana e Velho-Católica a tomarem importantes medidas que respondam àqueles que consideramos serem os principais desafios das nossas Igrejas, nos dias de hoje.

No fundo, ao longo destes dias, discutimos, aprendemos, cultuámos e orámos juntos, ainda que por vezes em línguas diferentes. Este encontro fez-me ver quão grande é esta comunhão de Igrejas, ainda que por vezes por aqui pareça que somos tão pouquinhos e nos sintamos minoritários, isolados. De facto, fazemos parte de uma grande família que nos conhece, que em nós reconhece a sua Fé e que nos acolhe em muitas partes deste Mundo!

Conheci fortes exemplos do que é ser-se um jovem Cristão e levo deste encontro o coração cheio e uma Fé renovada!



Gaia cidade acolhe compromisso por «Gaia - terra e mãe»

Evocando a herança do seu nome, o da deusa grega Mãe-Terra, a cidade de Vila Nova de Gaia acolheu, entre 15 e 18 de Junho passado, o Fórum Internacional «Gaia Todo um Mundo» com o tema «Desenvolvimento sustentável e alterações climáticas». Pelas ruas do centro histórico e ribeirinho da cidade realizaram-se muitos espetáculos, conferências e fóruns do pensamento e das artes.

Especial destaque foi dada à conferência «A Terra em Risco, o Mundo em Procura: o papel e a intervenção das religiões na Casa Comum». A conferência juntou oradores de várias religiões que cruzando as suas diferentes tradições e visões do mundo e da vida expressaram uma mesma solicitude pela Criação enquanto dom e graça de Deus confiada à liberdade e responsabilidade da humanidade na sua diversidade.

Em todos a consciência de que as raízes da atual crise climática que nos afeta e que influencia os diversos domínios da vida são consequência de uma crise ética e espiritual que desenvolveu um modelo de desenvolvimento que já não é mais sustentável. Cabe às religiões a promoção de valores e princípios que sustentem novos modelos de desenvolvimento, capazes de assegurar a sustentabilidade futura do planeta e deste modo a vida das próximas gerações.

No decorrer da conferência, diversos líderes religiosos, entre os quais o bispo da Igreja Lusitana, assinaram um documento denominado de «Compromisso pela Casa Comum e pela Ética do Cuidado».

Na sua intervenção antes da assinatura, D. Jorge Pina Cabral agradeceu o convite que lhe foi endereçado e expressou a sua alegria enquanto bispo e gaiense pela realização de tão simbólico e significativo evento inter-religioso na cidade de Gaia. Sublinhou o compromisso da Comunhão Anglicana a nível mundial no desenvolvimento e aprofundamento da quinta Marca da Missão e que é o de lutar pela salvaguarda da integridade da Criação e pelo sustento e renovação da vida na Terra.





Compromisso pela Casa Comum e pela Ética do cuidado

Sendo certo que as influências tradicionais nos moldam o olhar e conseqüentemente o modo como vivemos, existe uma ligação fundamental entre o que fazemos e o que isso faz ao Planeta, ou seja, à “casa que é comum” que, longe de ser uma qualquer propriedade ou recurso de quem quer que seja, é acima de tudo a condição de possibilidade de existirmos, vivermos e aprendermos a cuidar.

Assim, e dada a interdependência fundamental da Vida, vislumbra-se a necessidade de uma revolução cultural, que transforme homem - velho, desatento e pretensioso - num sujeito ecológico que entende e experiencia o ethos como “morada” global. Carecemos de uma sabedoria da “casa comum”, onde as realidades surgem tais como são, sendo a Ecologia esse mesmo “estar”.

Além do estudo de uma rede natural de vida e da revisão do lugar do homem na natureza, precisamos de (re)encontrar o lugar da Natureza no humano. É isto que significa “ser” humano: estar em relação e inter-

dependência, ser no mundo e com o mundo. Tradições religiosas diferentes abordam de forma diversa as mesmas preocupações perante alterações ambientais radicadas em práticas que contrariam os equilíbrios dos eco-sistemas.

Comprometemo-nos a tudo fazer para inverter estas práticas depredatórias, promovendo uma compreensão ecológica associada a valores éticos. Sendo imperioso e urgente cultivarmos o sentido da sabedoria fraterna e da compaixão consciente, implicamo-nos na ultrapassagem de apegos redutores que produzem práticas egoístas.

Assumimos a vontade, perante nós mesmos e todo o colectivo, de juntar as nossas vozes para que TODOS e cada um, pessoal ou institucionalmente, cooperem pela paz radicada na compaixão por toda a vida planetária, de modo a que seja estabelecido um programa ecológico eficiente, pleno de impulso fraterno e sustentabilidade verdadeiramente integral.



Dia da Mãe

No domingo em que festejamos o Dia da Mãe (a 7 de Maio), a Escola Dominical da Paróquia do Redentor não pôde deixar de colocar o seu cunho na homenagem que tradicionalmente prestamos às Mães. Foi ainda mais interessante, porque nesse dia também celebramos o Domingo do Bom Pastor e das Vocações.

Senão, vejamos. O Bom Pastor é aquele que conhece as suas ovelhas, estejam elas onde estiverem. Estejam mais perto ou mais longe da vista. Que não precisa de as ouvir para conhecer as suas necessidades e o seu estado físico. Que não deixa ficar nenhuma para trás e não as abandona. Que não discrimina e não tem preferências. Que cuida sempre até ao final da vida.

Pois então, também não é assim com as mães? Não conhecemos nós muito bem os nossos filhos? Não somos nós capazes de perceber o seu estado de alma estejam eles onde estiverem e falem mais ou menos vezes connosco? Não somos nós capazes de intuir as suas necessidades, as suas preocupações e inquietações, sem que as verbalizem? Não somos nós que ficamos sempre ao seu lado, que os defendemos, que os protegemos e que os apoiamos, mesmo quando as circunstâncias não são, propriamente, as mais convenientes?

Somos! E fazemos isto até ao fim dos nossos dias, sem favoritismos entre filhos mesmo quando as diferenças entres eles são substanciais, em consequência dos seus feitos, das suas opções e, como muitas vezes ocorre, por circunstâncias que nós infelizmente não controlamos, como são as que estão relacionadas com a saúde.

Mas ser mãe, também é uma questão de vocação. E vocação não significa ter jeito para alguma coisa, como habitualmente pensamos, mas sim ser chamado para algo. Do mesmo modo que Maria, mãe de Jesus, foi chamada, através do anjo Gabriel a assumir essa

enorme responsabilidade de ser sua mãe, também nós somos chamadas por Deus no cumprimento da sua missão para com cada uma de nós, para o exercício desta incumbência, que é ser mãe.

Assim, o que decidimos fazer neste dia foi uma representação silenciosa, outra característica das mães, deste desafio que é a maternidade e que ilustra o percurso que vai desde a gestação no ventre, até ao momento em que são os filhos que tratam da mãe, terminando com a separação física. Sim, porque a relação com a mãe perdura após o seu desaparecimento físico, nas recordações e memórias da sua presença e nos bons exemplos dos seus atos.

Durante a interpretação, que contou com a participação dos jovens da Escola Dominical e de outros membros da nossa comunidade, que são um bom exemplo deste caminho feito a dois, escutamos um tema que se chama “Meu amor pequenino”, na voz de Marisa com letra de Paulo Abreu Lima e música de Rui Veloso.

Por último, como não podia deixar de ser, terminamos com uma interpretação, coreografada, de uma música dedicada às mães, para além da distribuição das habituais rosas vermelhas e brancas, bem como de umas lembranças que foram oferecidas às mães presentes, ao som do tradicional hino: “Minha mãe dê-me um beijinho”.

Aproveitamos para agradecer ao Zé Manel pela sua pronta disponibilidade e colaboração, bem como aos nossos jovens pelo seu empenho e dedicação e, por fim, aos figurantes que aceitaram alinhar nesta ideia, sem pestanejar.

Sara Mota,
Escola Dominical da Paróquia do Redentor

As férias e Deus

Helena Pina Cabral *

Há férias de Deus? Deus «suspende-se» durante 15 dias ou um mês, enquanto paramos as nossas atividades habituais, partimos para outras bandas, interrompemos a rotina dos dias?

Colocar estas questões significa termos da nossa relação com Deus uma perspetiva institucional, organizacional, que passa pela comparência regular aos Cultos, pela participação em atividades comunitárias ou pelo assumir da nossa presença em reuniões dos diversos órgãos da Igreja. Nesta perspetiva, o tempo de férias significa, na verdade, um afastamento daquilo que muitas vezes pensamos ser as «coisas» de Deus.

Acontece, porém, que a relação íntima e profunda com Deus é uma relação permanente, um respirar quotidiano da nossa alma, que não se trava e reata ao ritmo das marcações de calendário. É uma relação que atravessa os nossos diferentes tempos e perpassa por todas as situações da nossa vida.

Dai que nas nossas férias Deus esteja – como sempre está – presente em cada dia de vida. Estou de férias há cerca de duas semanas e tenho sentido que há um aspeto que se manifesta com mais força neste tempo de paragem: a gratidão, o dar graças, o sentir de forma particular as bênçãos que recebo em abundância. Talvez por andar menos atarefada, talvez porque na calma dos dias me aperceba com maior profundidade da beleza de tudo o que me envolve. Em tudo sinto a mão de Deus e agradeço-lhe o calor do verão, a beleza das praias, o mar imenso, as noites de estrelas e o barulho das cigarras, o descanso retemperador de uma sesta, as viagens que correram bem, uma filha que chega sã e salva ao seu destino longínquo, um bom livro, os amigos que se reencontram.

A Deus agradeço também, neste período de descanso, a bênção da certeza do trabalho seguro que me aguarda, trabalho que me justifica enquanto cidadã ativa do meu país e me permite projetar com segurança o essencial da minha vida quotidiana. Ter férias é um privilégio de quem tem trabalho e nunca é demais agradecer esta bênção.

A oração, este ouvir de Deus, não se interrompe – permanece, da mesma forma que permanece a essencialidade da nossa respiração, que não conhece férias.

**texto da folha informativa da paróquia de S. João Evangelista, Julho 2017*



O DESCANSO

*A AGITAÇÃO DE QUALQUER ESPÉCIE, MESMO A AGITAÇÃO
RELIGIOSA NÃO CONDIZ COM A VISÃO DO HOMEM DO NOVO
TESTAMENTO.*

*SEMPRE QUE PENSAMOS QUE SOMOS INSUBSTITUIVEIS;
SEMPRE QUE PENSAMOS QUE O MUNDO E A IGREJA
DEPENDEM DO NOSSO FAZER, SOBRESTIMAMO-NOS.*

*SER CAPAZ DE PARAR É UM ATO DE AUTÊNTICA HUMILDADE E
DE HONRADEZ CRIATIVA; RECONHECER OS NOSSOS LIMITES;
DAR ESPAÇO PARA RESPIRAR E PARA DESCANSAR COMO É
PRÓPRIO DA CRIATURA HUMANA.*

CARDEAL JOSEPH RATZINGER